

309

150

48

264

139

17

ESPECIAL II

Personagens jogam com a sorte na mata

Quase todos que se aventuram em Sararé já o fizeram em outros garimpos, como Peixoto de Azevedo; eles aguardam o próximo passo do governo

RUBENS VALENTE

Enviado especial à Reserva Sararé

O "Ferrugem IV", maior garimpo de Mato Grosso, sofreu um "boom" populacional há três meses, mas já vem sendo invadido pelos garimpeiros há mais de quatro anos. Poucos meses ou mesmo dias após cada operação de retirada cumprida pela Polícia Federal, os garimpeiros retornam ao local. Os mais antigos acreditam que a "currutela" vai sofrer um refluxo nos próximos meses, porque o filão não seria do tamanho esperado.

"A maioria tem garimpado só para sobreviver", diz Adão Vilsonvanni, o "Pentecado", de 43 anos e há 17 trabalhando em garimpos. o primeiro a instalar uma



cantina na área. Seu comércio conta agora com uma antena parabólica e TV, pela qual os garimpeiros acompanham as notícias.

A última sobre a Sararé divulgada no TJ Brasil do SBT na noite de quarta-feira gerou protestos dos garimpeiros. Eles teriam sido acusados de participar da emboscada feita por um grupo de madeireiros contra os nhambiquaras no dia 16 de novembro. Segundo os garimpeiros, o ataque partiu de um grupo de madeireiros.

"Pentecado" diz que os índios sempre tiveram "bom" relacionamento com os garimpeiros. Há cerca de 15 dias, o cacique Américo teria ido ao "Ferrugem IV" e acabou sendo presenteado com mantimentos que encheram a carroceria de uma Toyota. Os comerciantes agora prometem fazer uma doação mensal de alimentos aos nhambiquaras.

Vilsonvanni acredita que o "Ferrugem IV" já foi "revira-

do" por escravos negros e bandeirantes atrás do ouro. Como prova, cita o achado _ a até 10 metros de profundidade _ de inúmeros objetos antigos, como crucifixos, ferraduras, panelas, rodas e até uma pequena cruz cravejada de pedras preciosas, além de pequenas plantações de laranjas, limões e pequis em áreas próximas do local onde hoje se instala a cidade de Iona.

DRAGAS

O "Ferrugem IV", como o próprio nome já diz, é uma extensão do "Ferrugem III", que por sua vez partiu do "II". Entre um e outro, a distância é de aproximadamente 19 quilômetros _ ocupada em sua extensão por centenas de dragas, que abrem as grotas e vão acompanhando os vários "braços" do filão na terra.

O nome veio do alto teor do ferro na água do córrego mais próximo, origem de muitas doenças renais.

João Luiz Medeiros



A primeira casa comercial, uma cantina, que se instalou no garimpo tem agora antena parabólica e TV

VIDE - VERSO

Quatro casos de malária por dia

Do enviado especial

Um surto de malária e a péssima qualidade da água do córrego que serve o garimpo ferruginoso, origem do nome da "currute-la" — movimentam as farmácias do garimpo.

"A água dá muita cãibra no sangue", conta o comerciante José Gomes do Nascimento, 37. O termo é usado pelos garimpeiros para designar as infecções no aparelho digestivo.

"O doente contaminado pela água sofre cólicas o dia inteiro", narra Gomes, que tem o 2º grau completo, fez um curso de formação em farmácia em Peixoto de Azevedo e trabalha há 22 anos em garimpos de várias partes do Estado. A água de melhor qualidade fica a 3 km do garimpo.

A malária, segundo ele, está fazendo cerca de quatro vítimas por dia. "Pelo número de pessoas

morando aqui, acho até pouco", diz Gomes, que estima em 6 mil os moradores do "Ferrugem IV".

O tratamento, feito a base de antibióticos e anti-diarréicos, dura de três a quatro dias e custa em média R\$ 25, ou três gramas de ouro.

A maior preocupação de Gomes é com as crianças do acampamento, aproximadamente 30. Três também já contrairam a malária.

Se os garimpeiros tiverem que sair da área, ele acha que a primeira medida tem que ser atender à saúde dos menores.

Contrariando informações da prefeitura de Pontes e Lacerda, Gomes disse que a Fundação Nacional de Saúde (FNS) não tem controle sobre os casos de malária e outras doenças do garimpo.

"Nunca ninguém da Saúde veio aqui", garante.

(RV)

José Luiz Medeiros



As péssimas condições sanitárias movimentam as vendas na farmácia de José Gomes

José Luiz Medeiros



Raimundo Pinheiro (último à direita), dono de açougue: sem confronto com PF

Açougueiro nega resistência à PF

Do enviado especial

O garimpeiro Raimundo Pinheiro, 35, dono de uma açougue instalado há 90 dias no "Ferrugem IV" — está, como a maioria dos moradores do acampamento, em compasso de espera para a definição da operação da Polícia Federal que deve retirar os invasores da área indígena.

Ele se diz indignado é com a informação, segundo ele, divulgada por uma emissora de TV, de que os garimpeiros vão reagir à ordem de retirada.

"Os únicos canhões que nós temos são esses aí", diz ele, apontando para uma mulher na viela do garimpo.

Para ele, "nunca" os garimpeiros vão investir contra a polícia. Pinheiro diz que o garimpo é "um exemplo".

TRANQUÍLO

"O delegado (de Pontes e Lacerda) esteve aqui e elogiou o clima de tranquilidade", afirma o açougueiro, sustentando que nos últimos três meses não foi registrada nenhuma ocorrência policial, um furto sequer.

Pinheiro vê o movimento de seu comércio crescer a cada dia. Segundo ele, diariamente chegam de 300 a 400 novos garimpeiros no "Ferrugem IV", o que elevaria a população para 8 mil a 9 mil trabalhadores.

Ele disse ter informações de que a Polícia Rodoviária Estadual está parando vários ônibus no Trevo do Lagarto, em Várzea Grande, vindos do Norte do Estado com garimpeiros, para evitar que também entrem na área de Sararé.

"É muita gente, mas ninguém quer violência", afirma. (RV)

Música para embalar sonho do ouro

Do enviado especial

O violeiro Patrício Peres, 29, e o tecladista Jurandir Furtado, 28, fazem a dupla sertaneja encarregada do som ao vivo nas seis boates do "Ferrugem IV".

Ambos tocavam na noite de Peixoto de Azevedo, mas a crise econômica do município — que hoje tem fechadas quadras inteiras antes ocupadas por casas de comércio — os empurrou até o garimpo da reserva Sararé, o primeiro onde já trabalharam.

A dupla não ganha nenhuma fortuna (20 gramas de ouro por noite trabalhada, ou cerca de R\$ 200 divididos entre os dois), mas não pode reclamar da situação.

"O movimento tem aumentado muito nos últimos dois meses", diz Peres. Um dos inconvenientes é ter que carregar a caixa de som nas costas,

pra baixo e pra cima.

Outro cuidado é atender sempre aos pedidos dos clientes — invariavelmente, sertanejo romântico —, se não a reclamação pode ficar mais séria. O ambiente no garimpo, segundo Peres, está "ótimo", sem o registro de nenhum homicídio ou agressão mais grave nas boates.

A dupla se inspira em "Pirilampo" e "Saracura", personagens da novela "O rei do gado". Mas as músicas mais pedidas no garimpo são de Zezé di Camargo e Luciano, com "Brigue comigo, mas não vá" no topo da parada.

Peres quer voltar para Peixoto ainda no início de dezembro, para passar o Natal com a mulher e os dois filhos, de dois e seis anos.

Mas em janeiro ele promete voltar para o garimpo.

(RV)

José Luiz Medeiros



Da viola de Patrício Peres saem os acordes das músicas preferidas no garimpo

Dona de bordel quer recuperar investimento feito em Peixoto

Do enviado especial

O mais novo bordel do "Ferrugem IV" abriu as portas há uma semana com um investimento de R\$ 4 mil da comerciante Leila Oliveira, 54, que deixou a crise de Peixoto de Azevedo para tentar a sorte em Sararé. Trouxe junto caixas de bebida, mesas, cadeiras e, é claro, 10 garotas de programa, além de gastar R\$ 1,3 mil com o frete.

Até a última quinta-feira, Leila não tinha nenhuma certeza sobre o

futuro na área, exceto que precisa de um mês para recuperar o dinheiro investido.

Dona de boate em garimpos desde 1977, ela empatou tudo o que já ganhou num prédio de três andares que está inacabado em Peixoto. Ao todo, uns 20 quilos de ouro viraram tijolo e concreto.

Com tanta experiência, Leila considera "Ferrugem" o garimpo mais calmo que já viu. Até o caminhão da Antártica vem entregar na própria boa-

te as caixas de cerveja.

"Aqui um ajuda o outro, não tem briga". Para quem já levou uma bala perdida no ombro esquerdo enquanto estava dormindo na cama no garimpo Lampeirão, em Peixoto, segurança é fundamental.

Acho que vai demorar, não vai não?

Vai ser o caos.

Os garimpeiros vão

invadir Lacerda.

"Lá sempre morria uns quatro por noite. Era um horror", lembra.

Sobre a saúde das suas "meninas", Leila garante que elas fazem exames periódicos e "nunca" transam sem camisinha, que elas mesmas se encar-

regam de arrumar. O maior problema é convencer o parceiro. "A maioria não gosta de usar. Dá a maior briga". O "programa" sai por cinco gramas, ou pouco mais de R\$ 50.

A necessidade de desocupar a reserva não impediu Leila de se arriscar no novo negócio. "Acho que vai demorar, não vai não?", pergunta.

Para ela, vai ser "o caos". "Os garimpeiros vão invadir Lacerda (Pontes e Lacerda)", prevê. (RV)

Unhas pintadas a peso de ouro

Do Enviado Especial

Cansada de procurar emprego em Cuiabá, Irani Maria de Jesus, 31, que já havia trabalhado em outros garimpos, ficou sabendo da Reserva Sararé e deixou o bairro Pedra 90 para tentar ganhar a vida na mata, no meio dos mosquitos, de doenças e um ambiente hostil.

Sua história se confunde com centenas de outros garimpeiros do "Ferrugem IV" não fosse sua profissão: manicure e cabeleireira.

E não faltam clientes — de cinco a oito por dia — com um maior movimento a partir das 19h, quando os garimpeiros deixam os grotões por causa da falta de luz para trabalhar e vêm para a "currutela" tomar banho, se arrumar e divertir.

Todos os serviços de Irani são tabelados no mesmo preço (um grama de ouro, ou R\$ 10 em média), da pintura e corte de cabelo (50% do movimento) à pintura das unhas.

"Na cidade não tem emprego. Se ficasse lá, passava fome", diz Leila, mãe de quatro filhos, todos menores de 12 anos. Sobre o acampamento em Sararé, ela acha que o governo deve dar mais prazo para os garimpeiros se prepararem para a retirada.

"O ouro foi gasto todo. Tá

José Luiz Medeiros



Irani de Jesus: tabela em ouro

todo mundo 'blefado' (sem dinheiro). Precisa dar um prazo para alguns se recuperarem", diz ela, esperançosa.

A cozinheira Madalena Diniz, 40, conseguiu uma vaga de ajudante de Leila. Veio para o garimpo como cozinheira e agora está aprendendo a cortar cabelo e cuidar da estética dos moradores do acampamento.

Como Leila, ela também quer mais detalhes sobre o que o governo quer fazer. "Será que eles querem tirar os pequenos para pôr os grandes?", pergunta. (RV)

Há muito exagero sobre riqueza do filão, diz vendedor de óleo

Do enviado especial

A riqueza do filão no "Ferrugem IV" está sendo superdimensionada, diz o comerciante Valmir Pascolato, 33, que, como dono de uma das quatro barracas de óleo diesel instaladas no garimpo, tem noção do consumo total de combustível — um indicador do ritmo dos negócios dos garimpeiros.

Segundo ele, uma draga precisa produzir no mínimo 120 gramas

de ouro por dia para manter as despesas e representar algum lucro para toda equipe da draga. Para as de 4 polegadas, as mais comuns, são quatro "pedões", uma cozinheira e o gerente ou responsável.

No "Ferrugem IV", a produção média não estaria passando de 100 gramas por semana por draga.

"Muitas dragas não fazem é nada", conta Valmir, que faz a seguinte avaliação: de 800

dragas em todo o garimpo, 40% estariam gerando algum lucro, outras 40% só vêm mantendo as despesas e as 20% restantes não conseguem se pagar ou estão trabalhando sem retirar um único grama do minério.

O governo tem que dizer logo se é para ficar ou para sair. Como está, não dá.

Valmir, casado e pai de dois filhos, de um e quatro anos, diz que todo mundo no garimpo está na expectativa do anúncio do governo federal sobre a desocupação da reserva.

INCERTEZA

"Ninguém tem certeza de nada. Fica muito no disse-me-disse", reclama o comerciante, para quem a "insegurança" é o pior sentimento hoje no "Ferrugem".

"O governo tem que dizer logo se é para ficar ou para sair. Do jeito que está, não pode ficar", diz o comerciante, para quem só há duas saídas para a situação: uma área alternativa para o garimpo ou a indenização para os índios nhamiquaras. (RV)